

Márcia Moreira de Araújo  
Carlos Jordan Lapa Alves  
(Organizadores)

# EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO 2



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

Márcia Moreira de Araújo  
Carlos Jordan Lapa Alves  
(Organizadores)

# EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO 2



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Educação: minorias, práticas e inclusão 2

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Vanessa Mottin de Oliveira Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Marcia Moreira de Araújo  
Carlos Jordan Lapa Alves

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: minorias, práticas e inclusão 2 / Organizadores  
Marcia Moreira de Araújo, Carlos Jordan Lapa Alves. –  
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-034-3

DOI 10.22533/at.ed.343211805

1. Educação. I. Araújo, Marcia Moreira de  
(Organizadora). II. Alves, Carlos Jordan Lapa (Organizador).  
III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Neste momento contemporâneo e avassalador, que minimiza nossa potência de agir, esse livro é um “respirar leve”, e traz consigo outras possibilidades de pensar, fazer e viver a educação neste contexto que inclui e reverbera liberdades e multiplicidades do agir democrático, fora dos padrões colonizados em nossas mentes por séculos.

Inspirados em nossos estudos, temos a urgência em entender como que uma sociedade inteira não se reduz a vigilância e propõe micro-liberdades individuais e coletivas. Junto a Certeau(1994) , problematizamos neste espaço: “que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não ser para alterá-los? Que táticas e artes de fazer engendram nas tramas da vida que formam uma contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”), dos processos silenciados que organizam as micropolíticas e formam as subjetividades diversas?

Eis, portanto, nossa grande missão neste livro: propiciar momentos, debates, críticas e litigar com poderes que permeiam o campo educacional tornando-o tradicional, excludente e retrogrado. A educação do presente não pode e não deve ser desconectada da realidade social, da diversidade étnica, de gênero, religiosa e de crença que a sociedade vive. Talvez, essa seja a hora de derrubar os muros que ergueram em volta das escolas para que este lugar seja de todos e todas.

Pensar raça, gênero, sexualidade, exclusão, inclusão, feminismo, machismo e interseccionalidade no contexto escolar é obrigação de educadores e educadoras neste momento histórico no qual as bases democráticas estão constante tensão. Não cabe a escola e aos professores o papel de agente passivo, mas ações veementes e fortes a favor da luta pela igualdade, equidade e qualidade educacional para todas as crianças de todas as crenças.

Em um país onde as Casas de Leis perdem tempo propondo projetos para inibir e coibir o fazer docente, por exemplo, projeto de Lei 4893/20 que busca criminalizar professores que debatem assuntos ligados a gênero e sexualidade, a balança do poder deve agir criando reações de contrapoder: ao silêncio o barulho, a ordem a desordem, a punição a revolta. Nunca cabe a um docente o papel de submissão, mas ação, a criticidade.

Esperamos que o leitor, ou a leitora, faça produções fecundas e inventivas a partir desta proposição de textos que apresentam uma subversão no espaço educativo nos múltiplos modos de aprendizagens. Desejamos que as apostas sejam a captura do que escapa dos modos imperativos de educação, e que as possibilidades de invenção e criação reverberem na prática docente por uma educação mais condizente com o que a humanidade vem liberando como demandas sociais.

Desejamos uma excelente aventura literária e formativa!

Marcia Moreira de Araújo  
Carlos Jordan Lapa Alves

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **ENSINO HÍBRIDO: *PODCAST* COMO INSTRUMENTO AUXILIATÓRIO DE PREPARAÇÃO PARA O ENEM**

Lucas Antonio Xavier  
Bruna Carraro de Oliveira  
Chirlei de Fátima Rodrigues  
Ruanna Bourguignon Gava Ribeiro  
Luzinete Louzada Bianchi Kahowec  
Simone Vieira Sant'Anna Fardim  
José Izaias Moreira Scherrer Neto  
Luciano Carneiro Cardozo  
Unir Andrade Rabelo Júnior

**DOI 10.22533/at.ed.3432118051**

### **CAPÍTULO 2..... 15**

#### **A AVALIAÇÃO DE ALUNOS SURDOS EM ESCOLAS COMUNS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS E INSTRUMENTOS AVALIATIVOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

Zanado Pavão Sousa Mesquita  
Marcella Arraes Castelo Branco  
Elenice de Alencar Silva

**DOI 10.22533/at.ed.3432118052**

### **CAPÍTULO 3..... 28**

#### **A DIFERENÇA COMO CARACTERÍSTICA FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Felipe Miranda Zanetti

**DOI 10.22533/at.ed.3432118053**

### **CAPÍTULO 4..... 40**

#### **A EDUCAÇÃO BÁSICA ENQUANTO DIREITO SOCIAL: UM PANORAMA HISTÓRICO A PARTIR DAS LDBENs BRASILEIRAS**

Miguel Rodrigues Netto

**DOI 10.22533/at.ed.3432118054**

### **CAPÍTULO 5..... 54**

#### **A DANÇA COMO INSTRUMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA**

Ana Carolina Nascimento Lira  
Roseli Fernandes Lins Caldas

**DOI 10.22533/at.ed.3432118055**

### **CAPÍTULO 6..... 65**

#### **A EDUCAÇÃO DE ÓRFÃOS NAS MINAS COLONIAIS: ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS CONFORME O SEXO DOS TUTORES E TUTELADOS**

Leandro Silva de Paula

**DOI 10.22533/at.ed.3432118056**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>78</b>
A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO REGULAR	
Janaina Ribeiro Pireda Teixeira Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3432118057</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
A LINGUAGEM ADAPTATIVA: ROMPENDO BARREIRAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO	
Antonia Diniz	
Valdirene Nascimento da Silva Oliveira	
César Gomes de Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3432118058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>101</b>
A NOVA RACIONALIDADE TÉCNICA DO TRABALHO DO PEDAGOGO NA ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO DO PARANÁ: POSSIBILIDADES E LIMITES	
Clarice Schneider Linhares	
Laurete Maria Ruaro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3432118059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>112</b>
A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR	
Rodrigo Parras	
Elaine Cristina da Silva Zanesco	
Márcia Aparecida Amador Mascia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL ACERCA DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
Mirna Cristina Silva Pacheco	
Cristina Maria Carvalho Delou	
Ediclea Mascarenhas Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
A SUBSTANCIALIDADE DA SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL E TRANSGRESSÃO DA LGBTFOBIA	
Glauber Carvalho da Silva	
Letícia da Silva Paz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
ADVOCACY, COMUNICAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA SOBRE A TUBERCULOSE	
Raimunda Hermelinda Maia Macena	
Liandro da Cruz Lindner	
Carla Patrícia Almeida	

José Carlos Veloso Pereira da Silva  
Antonio Ernandes Marques da Costa  
Neide Gravato da Silva  
Giselle Raquel Israel  
Ezio Távora dos Santos Filho

**DOI 10.22533/at.ed.34321180513**

**CAPÍTULO 14..... 156**

**A POLÍTICA PÚBLICA DO SISTEMA DE PROTEÇÃO ESCOLAR DA SEE/SP: ANÁLISE DO CASO DA DIRETORIA DE ENSINO REGIÃO DE TAQUARITINGA**

Paulo Cesar Cedran  
Chelsea Maria de Campos Martins

**DOI 10.22533/at.ed.34321180514**

**CAPÍTULO 15..... 166**

**AUTISMO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PARCERIA DOCENTE x DISCENTE**

Elizabeth R. O. Pereira  
Edicléa Mascarenhas Fernandes  
Franklin José Pereira  
Nathalia R. O. Habib Pereira  
Victor R. O. Habib Pereira

**DOI 10.22533/at.ed.34321180515**

**CAPÍTULO 16..... 177**

**AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Maria Aparecida de Oliveira Lage  
Urbano da Silva Batista  
Leidiane Chaves da Cruz  
Valdeis Correa Baiense  
Lúbia Mara Carvalho Costa Teixeira

**DOI 10.22533/at.ed.34321180516**

**CAPÍTULO 17..... 190**

**AVALIAÇÃO ESCOLAR PARA ALUNOS ESPECIAIS: IMPORTÂNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO E UTILIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS PEDAGÓGICOS**

Anelise Kologeski

**DOI 10.22533/at.ed.34321180517**

**CAPÍTULO 18..... 204**

**DESAFIOS E LIMITAÇÕES ÀS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ESTABELECIMENTO PRISIONAL**

Maria do Carmo Soares de Almeida  
Susana Henriques

**DOI 10.22533/at.ed.34321180518**

<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>214</b>
CONFEÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS ADAPTADOS SOBRE PROPRIEDADES ESPECÍFICAS DA MATÉRIA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	
Aires da Conceição Silva	
Ana Paula Bernardo dos Santos	
Ana Paula Sodré da Silva Estevão	
Anne Caroline da Silva Rocha	
Matheus Silva de Oliveira	
Thamiris Pereira Cid	
Vanessa de Souza Nogueira Penco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180519</b>	
<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>233</b>
DESIGUALDADES EDUCACIONAIS E PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DA PANDEMIA	
Gilca Janiele Pereira da Silva	
Mirian Nunes de Carvalho Nunes	
Tyla Mendes Ricci	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180520</b>	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>244</b>
DIÁLOGOS ENTRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E VIGOTSKI: A MEDIAÇÃO E O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ESTUDANTE COM SÍNDROME DE ASPERGER	
Rochele Karine Marques Garibaldi	
Gabriella Carvalho Motta	
Lavine Rocha Cardoso Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180521</b>	
<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>260</b>
EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS COMO ALTERNATIVA À DOCTRINA DO CHOQUE	
Geziela Iensue	
Gabrielly Carvalho Alves	
Karoline Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180522</b>	
<b>CAPÍTULO 23.....</b>	<b>273</b>
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Karina Edilaini da Silva Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180523</b>	
<b>CAPÍTULO 24.....</b>	<b>280</b>
A "EX-POSIÇÃO" NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: A COOPERAÇÃO COMO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO	
Nathalia Castro dos Santos	
Edmar Reis Thiengo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180524</b>	

<b>CAPÍTULO 25.....</b>	<b>301</b>
<b>INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: OS DESAFIOS DESSA PRÁTICA</b>	
Rosângela Teles Carminati Soares	
Andreia Nakamura Bondezan	
Eliane Pinto de Góes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180525</b>	
<b>CAPÍTULO 26.....</b>	<b>314</b>
<b>INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO COM SÍNDROME DE <i>DOWN</i>: DESAFIOS, AVANÇOS E LEGISLAÇÃO</b>	
Marli Ferreira de Carvalho Damasceno	
Raqueline Castro de Sousa Sampaio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180526</b>	
<b>CAPÍTULO 27.....</b>	<b>328</b>
<b>E VIVERAM FELIZES MATEMATICANDO COM O AUXÍLIO DO <i>MOUSEKEY</i> PARA SEMPRE...</b>	
Leonice Elci Rehfeld Nuglisch	
Deise Maria Kaszewski Meneguello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180527</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>	<b>334</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>335</b>



## DIÁLOGOS ENTRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E VIGOTSKI: A MEDIAÇÃO E O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ESTUDANTE COM SÍNDROME DE ASPERGER

*Data de aceite: 01/05/2021*

*Data de submissão: 07/03/2021*

### **Rochele Karine Marques Garibaldi**

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Brasil  
Uberlândia– Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/6154403607598062>

### **Gabriella Carvalho Motta**

Estudante do Curso de História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e bolsista no Programa Especial de Bolsas de Educação Básica e Profissional (PEBEP)  
Uberlândia–Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/3691720647697582>

### **Lavine Rocha Cardoso Ferreira**

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Brasil  
Uberlândia– Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/7750540569099048>

**RESUMO:** O movimento de inclusão educacional do público da Educação Especial é considerando relativamente recente nos contextos escolares brasileiros, já que foi após o marco da Constituição de 1988 que surgiram produções relevantes no campo político referente à educação inclusiva, desdobrando em nosso país uma diferente perspectiva sobre os direitos educacionais desse público que passou cada vez mais agregar espaço de voz, acesso e permanência no ensino

regular. Considera-se como público da Educação Especial os estudantes que possuem deficiência intelectual, deficiência visual, deficiência física, surdez, transtorno do espectro autista e/ou altas habilidades. Entretanto, no presente trabalho faremos um recorte sobre as estratégias de mediação realizadas no processo da inclusão de um estudante diagnosticado com Síndrome de Asperger, tipo característico de Transtorno do Espectro Autista, em uma escola da rede federal de ensino. Buscamos compreender e refletir, à luz das contribuições acerca da concepção do processo da aprendizagem no desenvolvimento do ser humano de Lev Semenovich Vigotski, sobre os desafios e as possibilidades encontradas nas ações das principais mediadoras desse estudante em processo de aprendizagem no espaço escolar durante o ano de 2019: a professora da sala comum, a professora da Educação Especial e a estagiária. Esperamos que este artigo possa colaborar com os estudos teóricos baseados nas contribuições de Vigotski, e as relações com a importância da mediação no processo de inclusão de estudantes que são público da Educação Especial, especialmente dos que possuem Síndrome de Asperger.

**PALAVRAS - CHAVE:** Inclusão. Mediação. Síndrome de Asperger.

## DIALOGUES BETWEEN INCLUSIVE EDUCATION AND VIGOTSKI: MEDIATION AND THE SCHOLAR INCLUSION PROCESS OF A STUDENT WITH ASPERGER'S SYNDROME

**ABSTRACT:** The inclusion movement of people in the special education is relatively recent in the Brazilian scholar context, since it was after the 1988 Constitution that relevant productions emerged in the political field regarding inclusive education unfolding in our country a different perspective on the education rights of this public who increasingly added space for voice, access and permanence in regular education. It is considered as target audience of the Special Education students that present intellectual disability, visual disability, physical disability, deafness, autism spectrum disorder and/or high abilities. However, in this paper we emphasized the mediation strategies performed in the inclusion process of a student diagnosed with Asperger's Syndrome, a frequent situation of the autism spectrum disorder, in a federal school in Brazil. We seek to understand and reflect, in the light of contributions about the conception of the learning process in the development of the human being of Lev Semenovich Vigotski, on the challenges and possibilities encountered in the actions of the main mediators of this student in the learning process in the school space during 2019: the teacher of the common room, the teacher of Special Education and the intern. We hope that this article can collaborate with theoretical studies based on Vigotski's contributions, and terms with the importance of mediation in the process of inclusion of students who are the target audience of Special Education, specially of those with Asperger's Syndrome.

**KEYWORDS:** Inclusion. Mediation. Asperger's Syndrome.

### 1 | INTRODUÇÃO

O movimento de inclusão do público da Educação Especial é relativamente recente nos contextos escolares brasileiros, sendo justificado pela herança discriminatória e pela implementação tardia de leis que defendam e promovam o acesso gratuito e de qualidade à educação. O processo de democratização do ensino é conquistado a partir da Constituição de 1988, no entanto, neste documento ainda não se encontravam garantias da participação efetiva dos estudantes considerados como público da Educação Especial, pois a ideia estabelecida era a de apenas integrar, e não incluir, o qual busca as qualidades individuais de cada estudante, levando em consideração sua inserção social, política e econômica.

Considerando que a conquista de direitos é um processo, após esse marco histórico, vieram outras conquistas no campo da inclusão escolar, e desdobra-se em nosso país uma diferente perspectiva sobre os direitos educacionais do público da Educação Especial, que passou cada vez mais agregar espaço de voz e de permanência no ensino comum. Conforme Garibaldi (2017, p. 36):

[...] a inclusão é um processo de produção de sentidos, pois contribuiu para a construção de um novo tipo de sociedade, e os documentos legais trouxeram avanços quanto à inclusão escolar. Contudo, ao mesmo tempo, surgiram problematizações relativas às práticas escolares na perspectiva inclusiva, hoje tão presentes nas discussões educacionais.

As propostas elencadas nas políticas públicas educacionais em prol da educação inclusiva não surgiram apenas para garantir o bem-estar das pessoas (GARIBALDI, 2017), já que suas finalidades e interesses são principalmente econômicas e de adequação às normas internacionais. Porém, foram importantes produções que emergiram no contexto político, econômico e social, com demandas advindas de diferentes forças de poder e movimentos sociais.

Mas para que os pressupostos da inclusão sejam contemplados no trabalho docente, é preciso buscar suportes teóricos que fundamentem e contribuam com a aprendizagem do estudante, levando em consideração o desenvolvimento humano. Nesse sentido, encontramos na teoria histórico-cultural de Vigotski possibilidades de comunicação entre áreas da educação, com importantes contribuições acerca da aprendizagem, do desenvolvimento e da sociabilidade do ser humano, independente das suas características, indo, assim, ao encontro com as especificidades do público da Educação Especial.

Além disso, dialogam com a realidade do movimento em prol da educação inclusiva no Brasil, já que é ancorada também por preocupações sociais e políticas, conforme nos apresenta Nuernberg (2008, p. 309):

[...] Vigotski elaborou uma crítica veemente às formas de segregação social e educacional impostas às pessoas com deficiência. Para ele, a restrição do ensino à dimensão concreta dos conceitos é uma estratégia equivocada de organização das práticas educacionais da educação especial. Com base em uma noção estática e reificadora da condição psíquica destas pessoas, a proposição de formas de ensino centradas nos limites intelectuais e sensoriais resulta na restrição das suas oportunidades de desenvolvimento. Cria-se, assim, um círculo vicioso no qual, ao não se acreditar na capacidade de aprender das pessoas com deficiência, não lhe são ofertadas condições para superarem suas dificuldades. Em consequência, elas ficam condenadas aos limites intelectuais inerentes à deficiência, tomados assim como fatos consumados e independentes das condições educacionais de que dispõem.

É possível identificar que as ideias de Vigotski se organizam como ferramentas de reivindicação para a implementação de um ensino regular cada vez mais inclusivo. Nesse sentido, ao pensar a inclusão sob a ótica vigotskiana, preocupamos com o desenvolvimento integral de todos e cada estudante, em suas diferentes necessidades e, por isso, torna-se necessário adotar estratégias que atendam as diferentes necessidades, inclusive aquelas de adaptação ou diversificação curricular, lembrando que esse processo requer tempo e suporte para os profissionais da educação e ambiente escolar.

Dessa forma, com base nos estudos de Vigotski, dentro da teoria histórico-cultural, discorreremos acerca das contribuições do conceito de mediação no processo de ensino e aprendizagem de um estudante diagnosticado com Síndrome de Asperger na Educação Infantil de uma escola pública da rede federal de ensino, destacando e refletindo sobre os desafios e as possibilidades encontrados pelas mediadoras nesse processo, especificando a professora da sala comum (regente da turma), a professora do Atendimento Educacional

Especializado (AEE) e a estagiária. Além disso, pelos relatos, buscamos compreender como tais contribuições vêm agregar na comunicação com a prática docente, levando em conta, inclusive, as circunstâncias e os lugares ocupados nas relações humanas desenvolvidas pelas crianças.

## **2 | MEDIAÇÕES DO PROCESSO ESCOLAR DE UM ESTUDANTE COM SÍNDROME DE ASPERGER NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPAÇOS E AÇÕES**

Vigostki, ao discorrer sobre a aprendizagem, buscou em sua obra estudar a respeito das funções psicológicas superiores, tais como a imaginação, a abstração, a elaboração de hipóteses, a busca por soluções. E, para o desenvolvimento dessas funções, é fundamental que ocorra o processo de mediação, que, para ele “em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento.” (OLIVEIRA, 2002, p. 26).

Ou seja, o processo da aprendizagem é social e acontece através da mediação, seja por um meio de comunicação, seja pelas interações, entendendo a mediação numa interação sociohistórica ou histórico-cultural, de modo a conceber o que conhecemos por sociointeracionismo.

Conforme Martins e Moser (2012, p. 11)

[...] se falarmos de meios, significa que o acesso do homem ou de sua mente ao mundo não se dá de modo direto, mas por uma mediação que lhe permite um acesso indireto. Convém, contudo, salientar que os meios ou ferramentas que constituem a mediação não produzem o significado nem a aprendizagem, que é algo próprio da ação de cada indivíduo.

Nesse sentido, a linguagem é um dos principais meios de mediação, já que desempenha tanto a função social, por meio das interações entre os sujeitos (fatores externos), mas também a função cognitiva, pelas interações do sujeito com os objetos de conhecimento (fatores internos). E podemos relacionar também com o papel da escola enquanto ambiente de aprendizagem, que colabora com o desenvolvimento de ambas as funções (cognitiva e social) de seus estudantes.

Aqui, enxergamos o potencial teórico de Vigotski para a inclusão do público da Educação Especial no espaço escolar como meio de potencializar suas possibilidades de aprendizagem e não ficarem alheio às possíveis limitações caracterizadas por suas condições. E, para ele, todo ser humano pode se transformar ou superar uma condição por meio da noção de “plasticidade”, que entende a inteligência como algo dinâmico, e como afirma Costa (2006, p. 233), “acredita na capacidade dos indivíduos se adaptarem visando superar os impedimentos encontrados”.

Nesse sentido, no percurso de atuação do trabalho de parceria entre a sala comum e a Educação Especial, temos o estudante D., com 4 anos de idade, matriculado no ano de 2019 no primeiro período da Educação Infantil de uma escola pública da rede federal

de ensino, com diagnóstico de Autismo Infantil, na linha da Síndrome de Asperger. Esta síndrome é definida por Orrú (2019, p. 1)

A Síndrome de Asperger se enquadra no bojo do Transtorno do Espectro Autista (APA, 2013) e está relacionada às alterações qualitativas na interação social, interesses restritos, sensibilidade a mudanças e rotinas, além de déficits de comunicação. As dificuldades ou limitações relacionadas à comunicação dizem respeito às inadequações de respostas em conversas, à inabilidade em interpretar sentidos e significados tanto nas relações não-verbais como na interpretação de textos.

De acordo com Klin (2006), há variantes entre o Autismo e a Síndrome de Asperger. Enquanto o primeiro se refere a um prejuízo permanente nas relações de interação e nos comportamentos sociais, o segundo é caracterizado pelo autor (KLIN, 2006, p. 8):

[...] por prejuízos na interação social, bem como interesses e comportamentos limitados, como foi visto no autismo, mas seu curso de desenvolvimento precoce está marcado por uma falta de qualquer retardo clinicamente significativo na linguagem falada ou na percepção da linguagem, no desenvolvimento cognitivo, nas habilidades de autocuidado e na curiosidade sobre o ambiente. Interesses circunscritos intensos que ocupam totalmente o foco da atenção e tendência a falar em monólogo, assim como incoordenação motora, são típicos da condição, mas não são necessários para o diagnóstico.

Nesse sentido, a família nos traz informações importantes que vão ao encontro com o diagnóstico, no sentido de compreendermos algumas especificidades da criança, e não de o limitarmos pela sua condição orgânica. Sendo relato apresentado pelos pais, D. nasceu de parto natural, andou próximo a 1 ano de idade e começou a desenvolver a fala precocemente. Aos dois anos de idade já identificava as letras e apresentava intenso interesse em realizar leituras, demonstrando elevado potencial em brincadeiras com blocos e peças, com uma organização minuciosa desses objetos. O estudante já havia frequentado outro espaço escolar antes do atual. A família relata, ainda, que D. apresenta uma fala imitativa, não fazendo o uso da primeira pessoa “eu” e demonstra interesses restritos e, por isso, muitas vezes, especialmente o pai, via-o como uma criança desafiadora, com dificuldade em flexibilizar combinados, dizendo que D. queria as “coisas do jeito dele”.

Com base em estudos da teoria de Vigotski, no espaço escolar, através da mediação do adulto e da interação com os colegas, os estudantes aprendem e, assim, desenvolvem-se. Numa proposta de diálogo com essa teoria e com as informações apresentadas pela família, iniciamos o relato apontando as ações e reflexões da professora regente quanto ao acesso do estudante D. no ambiente da sala comum e aos desafios e possibilidades que essa inclusão possibilitou à sua atuação docente. Depois, partimos para as ações desenvolvidas pela professora da área da Educação Especial da escola no atendimento específico a esse estudante, dialogando, por fim, com as observações e ações da estagiária. Somando à reflexão a ser apreendida, foram utilizadas como fontes principais os registros fotográficos

e as anotações sobre distintos aspectos e elementos apresentados pelo estudante D.

A dinâmica da turma do 1º período, denominada “Turma do Amarelo”, a qual o estudante D. pertenceu no ano de 2019 junto a outras 14 crianças, foi observada e registrada pela professora regente como um grupo bem alegre, que interage muito entre si, criativo e desenvolveu bem as propostas pedagógicas. Desenvolveram bastante a autonomia ao longo do ano, no qual observou-se que muitas crianças passaram a se expressar melhor em questões de conflitos, hábitos de higiene e busca de soluções.

D. sempre foi um estudante que contribuiu ao grupo no sentido cognitivo e de entendimento das orientações e, com o passar do tempo, foi se desenvolvendo mais emocional e socialmente. Houve dias em que não abria mão da sua vontade, apresentando-se mais alheio ao que estava acontecendo e negando-se a realizar o que era proposto. Para apoiá-lo nesse sentido, utilizamos muito estratégias de mediação, como a da “espera”, aguardando-o acalmar-se e levando-o a observar suas próprias ações; de diálogo, buscando falar com ele com voz mais calma, chamando-o para um pouco mais distante dos colegas; e, principalmente, da potencialização das interações com as outras crianças, para que ele observasse os colegas, ou eles tentassem ajudá-lo quando não estava bem emocionalmente.

No decorrer do ano, D. passou a demonstrar mais autonomia afetiva, deixando de procurar a professora em momentos de conflitos com os colegas e buscando resolver sozinho pequenos problemas. Mas houve dias em que demonstrava muita frustração e estava bem conflituoso consigo mesmo e com os próximos. Usando recursos da antecipação da rotina, a professora comunicava a D. o que aconteceria, para que fosse aceitando melhor os combinados e regras colocadas em relação aos momentos, bem como suas próprias decepções. Assim, passou a ouvir mais os colegas e a instrução do adulto, expressando-se melhor em suas emoções e frustrações.

Considerando que ele já havia chegado à escola com uma gama de conhecimentos, foi necessário intervir e criar estratégias de enriquecimento curricular para que ele ampliasse mais suas aprendizagens e, assim, também seu nível de interesse e participação nos diferentes momentos e ambientes, aguçando sua curiosidade para além do foco da atenção e realização das propostas. Como D. começou a ler com 2 anos, na turma, umas das formas de estimular e mediar essa ampliação foi promover momentos em que ele lesse para os colegas diferentes portadores de textos (livros, gibis, receitas, palavras que fazem parte do espaço social da escola), como também ajudar o outro em suas leituras e interpretações.

D. inicialmente não demonstrava gostar muito de ajudar seus colegas quando eles necessitavam, tanto nas atividades, brincadeiras ou jogos. Conforme foi ampliando suas interações, ele passou a se comunicar melhor com os colegas e a ajudar quando precisavam, bem como também aumentou os conflitos com alguns coleguinhas, em momentos como a roda, a fila e até mesmo no parque. Porém, mesmo ampliando sua

comunicação e interações, incentivamos a família que buscassem um acompanhamento fonoaudiológico para ele, a fim de contribuir com o processo de expressão oral do estudante D. nos diferentes espaços e momentos, principalmente para que ele possa expressar melhor aos coleguinhas suas ideias e sentimentos.

O interesse de D. pelos diferentes gêneros textuais, principalmente os gibis, ampliou muito. Entendemos que isso foi provocado principalmente porque ele já lia e, no segundo semestre, realizamos mais atividades relacionadas a esse portador de texto. Esse interesse se intensificou de tal forma que, em certos momentos, D. se desligava da turma e suas negações ampliavam-se. A nossa estratégia, então, foi realizar combinados com ele, de que depois de participar das propostas, ele voltaria a ler o gibi, ou que emprestaríamos para ele levar para casa. Destacamos, aqui, o quanto isso contribuiu com a ampliação do contato das outras crianças com os gibis.

D. também começou a fazer repetições orais das falas dos personagens dos gibis ou propagandas de canais de televisão. Diante disso, sempre buscávamos retornar sua atenção para o momento da sala, o que funcionava. Porém, em espaços mais amplos, como o parque, ele deixava de brincar com os colegas para realizar sozinho essas “imitações de falas”. Nesses momentos, era necessário mediar e convidá-lo constantemente às interações sociais.

No meio do ano letivo, D. começou a negar atividades que solicitavam registro por meio de desenhos, dependendo do seu nível de interesse. Como ele desenvolveu a parte da escrita no percurso dessa turma, isso tem o levado a preferir a realização de registros escritos, negando os desenhos. Trata-se de algo dele que não vemos dificultar em nada suas participações; pelo contrário, só contribuiu ao grupo, demonstrando que ele ampliou suas habilidades.

Quanto às atividades que envolvem os Projetos, apresentou muito interesse e uma participação ativa. D. gostava de trazer informações sobre as pesquisas, apresentar o que descobria, bem como participar com bastante interesse das atividades culturais e momentos fora da escola. Nas ações referentes aos jogos, passou a compreender mais os objetivos e as regras elaboradas, não aceitava muito “perder”, mas com o tempo foi assimilando melhor os combinados. E nas compreensões acerca da identificação da escrita dos numerais, passou a demonstrar interesse maior por esses conceitos.

Para buscar mediar esses processos com o estudante D., foi necessário entender as relações entre dois conceitos em Vigotski. Primeiramente o de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), como sendo:

[...] distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VIGOTSKI, 1998, p. 112).

E o de “meios”, conforme temos também em Vigotski (1998):

[...] O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar a lógica superior, ou comportamento superior com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica. (p. 73).

No caso do nosso estudante, já apresentamos características em relação à Zona de desenvolvimento real, ou seja, o que ele consegue fazer sozinho (ler, realizar hábitos de higiene, falar, realizar atividades). Porém, nesse momento, sintetizamos os principais meios que usamos a fim de criar a ZDP foram:

- Gêneros Literários: por já realizar atos de leitura, D. ampliou durante o ano de 2019 seus conhecimentos sobre a escrita, diferenciando os vários tipos de caracteres (letras maiúsculas, minúsculas, acentos, pontuações etc.). Utilizamos esse recurso (especialmente os gibis) para despertar o interesse dele por algo do qual se negava a participar. Quando era algum livro de literatura infantil ou gibi que não conhecia, além de promover o conhecimento de novas palavras e histórias, ele participava com maior interesse.
- Brinquedo: que não tem sentido apenas como objeto, mas por meio do qual ele interagia mais com os colegas, ampliava o repertório de palavras, imaginação, ideias, criatividade e significado, indo ao encontro com o que Vigotski (1998, p. 127) afirma sobre “dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que a afeta de imediato, mas também pelo significado dessa situação”.
- Ritual da chegada: ficar com ele fora do ambiente da sala quando se negava a entrar, até que se sentisse confortável para entrar e participar.
- Oportunidades de expressar-se corporal e oralmente em brincadeiras que estimulassem a imaginação e fantasia, como o momento de contação de histórias, e também nas apresentações com presença de público, que, conforme a família relatou, nunca havia acontecido até então.
- Estratégias em que pudesse demonstrar sentimentos pelos colegas, quando estavam tristes ou em diferentes emoções. D. passou a se interessar pelo que o outro estava sentindo. Após jogar com um colega e perder, ao contrário de chorar, ele ficou tão animado com a alegria do ganhador, que o abraçou (Figura 1).





Figura 1 – D. e colega abraçam-se após jogarem juntos.

Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Em um trabalho de complementação ao que ocorre na sala comum, destacamos agora a importância da atuação da área da Educação Especial dessa escola, embasada e fundamentada em uma nova concepção que complementa ou suplementa o processo de ensino na sala de aula comum.

Nesse sentido, o serviço do Atendimento Educacional Especializado (AEE) é caracterizado como uma ação dessa área destinada aos estudantes considerados como público da Educação Especial, e tem como objetivos identificar, elaborar e organizar os recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos estudantes, considerando as suas diferentes necessidades de forma a complementar e suplementar a formação do estudante, por meio de atividades que se diferenciam daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. A partir disso, é possível realizar uma avaliação detalhada de caso e propor um plano de trabalho para cada estudante, valorizando as particularidades de cada sujeito, como feito com o estudante D.

Nesta perspectiva, o trabalho se dá na interlocução do AEE com os profissionais do espaço escolar e da família, a fim de observar a funcionalidade e a aplicabilidade utilizada no desenvolvimento do plano para o estudante. Durante os diferentes momentos do assessoramento à classe comum, foi possível identificar vários aspectos sobre o desenvolvimento de D, possibilitando uma aproximação no sentido de descobrir o que desperta a atenção e os interesses do estudante no ambiente da sala de aula, o que ele já conseguia fazer sozinho, como se comunicava, a fim de ajudá-lo a identificar e a recorrer a outras formas de comunicação no grupo.

Diante disso, no sentido de complementar as condições de acesso, participação e aprendizagem de D., o AEE pautou os atendimentos semanais em atividades junto a outras

crianças, visando o desenvolvimento global dele por meio de momentos diversificados, como: jogos, interpretação de histórias de livros (com e sem textos), além de atividades psicomotoras. Inicialmente, ele seguia um ritual de chegar, ler um livro e, gradativamente, foi conseguindo saltar esse momento e ir direto para as brincadeiras com os colegas, brincadeiras como de estacionamento, de cidade e jogo de bolas de gude.

Nos primeiros contatos no AEE, D. preferia ficar sozinho, lendo ou na companhia de adultos. Ele resistia em realizar as atividades e ao ser convidado para brincar com os colegas, recusava, não demonstrando interesse pela brincadeira do grupo. Após um tempo, D. foi interagindo com os colegas, ficando bastante interessado nas brincadeiras de estacionamento, de cidade e jogo de bolas de gude.

Dessa forma, pautamos o atendimento no estabelecimento de diálogos na primeira pessoa, evitando a repetição e propiciando à criança fazer os comandos, como: “Eu preciso”, “Eu quero”, “Eu fiz”, “Eu quero brincar com vocês”, “Me empresta o carrinho amarelo”, “Me dá licença”, “Eu não quero isso”, como também comunicação expressiva, como olhar e observar os colegas ao seu lado, imitar os sons referentes ao contexto da brincadeira, como os sons da buzina, o barulho do helicóptero, do prédio caindo. Outra possibilidade de mediação desse momento foi incentivar que D. fizesse a leitura (de livros de literatura infantil e gibis) para os colegas que participavam junto dele no AEE, de modo a apoiá-lo a contar e interpretar o que leu, vivenciando outras possibilidades de diálogo.

Nas atividades para o desenvolvimento da comunicação oral, houve momentos de estímulo para as brincadeiras imaginativas ou simbólicas para a sua idade, ampliação de interesses e brincadeiras além dos livros/gibis, como jogos em duplas, trios, com/sem a autoria do estudante, jogos com o objetivo de trabalhar a tolerância ao erro, à espera do outro, além também de outras possibilidades de composição do jogo e do brincar. A intenção desses momentos era incentivá-lo a interagir, usando a linguagem oral.

Em relação à linguagem, D. apresentou significativas mudanças também no que se refere ao relacionamento com os colegas e tolerância às frustrações. Sendo assim, os jogos verbais com o objetivo de estimular as habilidades comunicativas e de memória foram estratégias que apoiaram as intervenções.

Em relação aos aspectos psicomotores, D. mostra-se seguro, brinca, corre e apresenta bom potencial motor fino. Desenha com riqueza de detalhes, apresenta significativa memória visual, reproduzindo situações anteriores com detalhamento e zelo. Nos aspectos específicos da cognição, o estudante apresenta potencial acima da média, compreende o que lhe é solicitado e executa as tarefas, porém muitas vezes resiste às atividades, trazendo situações anteriores que se traduzem em uma rigidez para novas situações.

Dessa maneira, o serviço da Educação Especial representa um apoio potencialmente necessário para D. principalmente na identificação das barreiras à sua participação e na diversificação de estratégias pedagógicas para seu engajamento e aprendizagem, com o

foco da atuação no fazer pedagógico em sala de aula, implicando a participação da família e dos envolvidos neste processo para o alcance de objetivos comuns. E como parte das ações coordenadas por essa área e orientadas pela professora da sala comum, existe o Estágio Projeto Incluir<sup>1</sup>, do qual relacionam-se as experiências relatadas a seguir que foram realizadas pela estagiária como apoio ao processo de desenvolvimento e aprendizagem do estudante D. e de outra criança da turma, a qual não relataremos no presente texto.

Para além desse acompanhamento, a estagiária considera o Projeto Incluir como uma rica oportunidade para que graduandos das licenciaturas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) possam ter contato com o ambiente escolar e desenvolver metodologias e estratégias que contribuam com o processo de ensino e aprendizagem do estudante, de modo a enriquecer a experiência profissional enquanto futuros (as) professores (as).

Ao longo do desenvolvimento do estágio, foi possível acompanhar e participar de inúmeras propostas no cotidiano escolar da Educação Infantil, mas a estagiária selecionou alguns que possibilitam perceber a importância da mediação no processo da inclusão. Foram elencados tanto momentos realizados com a professora regente, como rodas, lanches, parque de areia, floresta encantada e parque, como outros desenvolvidos pelos demais profissionais da escola, como as aulas de Educação Física, de Dança, do Espaço Cultural e a Brinquedoteca. Diante dessa diversidade de atividades, ambientes e momentos, o processo de mediação, direta ou indiretamente, ocorreu de maneira contínua, buscando contribuir com a participação e a inclusão do estudante D. no cotidiano escolar.

Inicialmente, ações como a “Contação de História”, a apresentação das tarefas de casa e as atividades de sala de aula foram desafiadoras para D. Por isso, como traz Costa (2006), inspirada nas ideias de Vigotski, foi de fundamental importância no processo de mediação, despertar e fortalecer as áreas de interesse da criança já citadas anteriormente, bem como utilizar recursos adaptados que promovam o desenvolvimento de estímulos para a superação dos impedimentos encontrados, preocupando-se, como recomenda Costa (2006, p. 236), em “colocar o estudante como sujeito do processo”.

Sobre a ambientação nos diferentes espaços da escola, durante os primeiros contatos, como tudo era muito novo e diferente para a criança, suas reações foram bem diversas. O estudante D. expressava suas inquietudes principalmente através do choro, talvez por ser um lugar com pessoas e espaços desconhecidos, ou ainda por não conseguir expressar de outra maneira os seus sentimentos e emoções. Foi necessário reconhecer e respeitar o tempo de D. para ambientar e assimilar o que acontece ao seu redor. Por isso, a melhor escolha era acompanhá-lo e incentivá-lo à entrada na sala ou participação de alguma proposta. Atitudes como forçá-lo ou obrigá-lo tinham efeitos negativos e tendiam a acentuar sua incompreensão e negação.

---

1 O Projeto Incluir surgiu na ESEBA/UFU no ano de 2006 e, no ano de 2019, atendia ao todo de 44 crianças. Sua intenção, segundo Ferreira, não é só incluir crianças com deficiência, mas pensar em um ensino direcionado a todos. Dentre as atividades realizadas pelos monitores inscritos no Projeto, está o acompanhamento e o auxílio, se necessário, de crianças público-alvo da Educação Especial.

A reação de choro também esteve presente durante momentos em que se frustrava. Seja na realização de alguma atividade que não ocorreu da maneira como planejou, ou quando sua mochila estava fora da plaquinha específica ao seu nome. O frustrar, no caso da Síndrome de Asperger, é importante não só para que a criança seja instigada a reagir diante de situações que lhe parecem complicadas, mas também para que ela entenda a possibilidade de resolver, seja com a mediação de um adulto ou sozinho.

Os momentos compartilhados com a turma, como a roda ou atividades, também foram fundamentais para D. interagir e desenvolver relações afetivas com os colegas, professora e estagiária. Destacamos a experiência registrada a partir da exploração da literatura infantil “Qual é a cor do Amor”, da autoria de David Wojtowycz e Linda Strachan. Em um primeiro momento, em roda (Figura 2), a professora leu a história para as crianças, que ouviam e “liam” as imagens de cada página. A partir dela, cada estudante pôde expressar por meio de uma pintura qual a cor representa o sentimento de “amor” para ele(a).

Buscando uma participação mais ativa de D., a professora convidou que ele lesse a história para toda a turma, e, no momento da atividade, explicou que D. poderia observar e registrar outras maneiras de expressar seus sentimentos, como por meio do recurso da escrita e/ou colorir. D. não queria apenas pintar, por isso foram ampliadas as possibilidades para ele, mas ao ver seu coleguinha participar do momento (Figura 3), ele despertou um maior interesse pela pintura e se expressou dessa forma, como os seus colegas.



Figura 2 – Estudantes e professora em roda na sala de aula, D. realizando a leitura.

Fonte: Acervo das pesquisadoras.

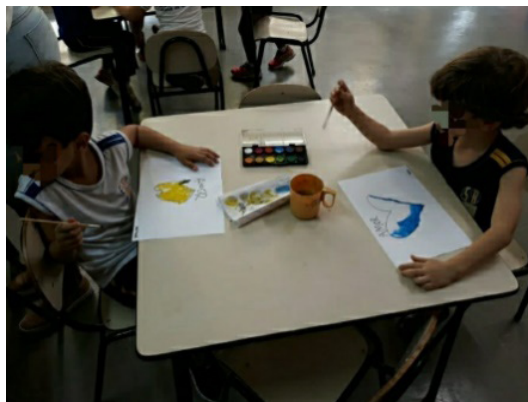


Figura 3 – D. pintando junto ao colega, durante a atividade em sala de aula.

Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Outra estratégia de mediação contínua foi insistir com o estudante D. na realização das atividades, aliando a explicação da proposta com o convite antecipado à participação, para que a criança rompa certas negações e sinta-se incluída. Desse modo, promover sua participação significa instigar e desenvolver sua criatividade e interações, aliadas ao aprendizado. Por exemplo, em uma atividade coletiva de colagem (Figura 4), permite-se que todas as crianças, inclusive o estudante D. possa colar material concreto em um cartaz coletivo, desenvolvendo a relação entre a quantidade do material colado e a representação escrita do numeral que representa essa quantidade. A mediação é observada desde a explicação da proposta até a ação de “colar”, pois algumas crianças necessitam de apoio para realizar a colagem.



Figura 4 – Professora e estudantes em atividade coletiva de colagem

Fonte: Acervo das pesquisadoras.

A participação do estudante nos diferentes espaços e ambientes além da sala de aula foi um elemento importante para que a criança se aproximasse mais da estagiária e até desenvolvesse ações de maneira natural, partindo do seu próprio desejo. Podemos ver, por exemplo, na imagem abaixo, quando D. despertou o interesse em tirar uma “selfie”, onde a câmera está sendo representada pela sua mão (Figura 5).



Figura 5– Selfie do estudante D e estagiária em momento de descontração

Fonte: Acervo das pesquisadoras.

É interessante pontuar também que no início do ano letivo, o estudante tinha bastante dificuldades em participar de aulas especializadas, geralmente realizadas em ambientes diferenciados, necessitando de bastante intervenção e mediação dos professores e professoras, especialmente da estagiária. No entanto, ao decorrer do ano, D. foi ampliando suas interações de forma mais autônoma com os diferentes ambientes e docentes, modificando suas ações também com a estagiária.

Outro momento relevante de mediação ocorreu durante a aula de Educação Física, ministrada pelo professor L. Certo dia, devido a um imprevisto, houve uma substituição de L. por outra profissional, a professora S. É comum D. estranhar mudanças, entretanto, sua inquietude foi amenizada quando a professora emprestou seu relógio como estímulo à sua participação. Assim, coube à estagiária falar as marcações para ele: por exemplo, quando seria feita determinada atividade, quando retornaríamos para a sala e quando deveríamos devolver o relógio para a professora S. O “controle” do tempo possibilitou para D. uma sensação de conforto e a compreensão dos comandos da professora, uma vez que ele devolveu o objeto na hora combinada, às 17h00, afirmando que estava na “hora de devolver o relógio”.

### 3 | CONSIDERAÇÕES

A partir do presente texto, foi possível observar a importância da mediação sempre contínua, mas de forma a possibilitar a participação e interação de D. com o outro, com os ambientes e atividades. Participar integralmente das atividades em que o estudante D. esteve presente permitiu em um trabalho colaborativo de parceria entre docentes e estagiária, o desenvolvimento de estratégias mediacionais que contribuíram para atenuar processos de negação, de angústia e frustração da criança e ampliar suas participações e interações no processo educacional.

Além disso, as mediações realizadas junto à D. contribuíram com o seu acesso e sua permanência no processo escolar, de maneira que foi incluído em todas ações e propostas realizadas, onde seus próprios modos de expressões, os seus sentimentos e emoções, levando em conta as especificidades desafiadoras relacionadas às características da Síndrome de Asperger, foram mediadas e potencializadas, e não desconsideradas no processo.

Partindo do pressuposto de que a escola é um espaço plural, onde temos a presença de estudantes com diversas especificidades culturais, históricas e sociais, entendemos que pensar o incluir na visão vigotskiana é levar em conta as diferenças de cada estudante, concebendo que todos e todas têm potencial e que a inteligência pode ser desenvolvida para além dos possíveis limites.

Dessa forma, consideramos que os profissionais da educação realizam um papel fundamental no processo de mediação para a promoção da aprendizagem de todos os seus estudantes e as estratégias de mediação são fundamentais especialmente para os que são considerados público da Educação Especial, a fim de que tenham suas especificidades respeitadas, consideradas e potencializadas. E, a partir disso, possam encontrar outros meios que os ajudem a romper com as possíveis dificuldades e/ou limites.

### REFERÊNCIAS

ASHAIA, Naiara. **Eseba traz inovação na forma de ensinar**. Comunica UFU, 2019. Disponível em: <http://www.comunica.ufu.br/noticia/2019/07/eseba-traz-inovacao-na-forma-de-ensinar>. Acesso em: 24/02/2021.

COSTA, D. A. F. **Superando limites: a contribuição de Vygotsky para a educação especial**. *Rev. Psicopedagogia*. São Paulo, 2006, n. 23, v. 72, p. 232-240.

GARIBALDI, R. K. M. **Os discursos da inclusão nas políticas educacionais: vozes, ressonâncias e silenciamentos nos CAPs mineiros**. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

MARTINS, O. B.; MOSER, A. **Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch**. *Revista Intersaberes*, Curitiba, v. 7, n. 13, p. 8-28, jan.-jun. 2012.

NUERNBERG., A. H. **Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual.** *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 307-316, abr./jun. 2008.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

ORRÚ, S. E. **Como oportunizar o acesso de alunos com Síndrome de Asperger ao ensino superior.** *Diversa – Educação inclusiva na prática*, 22 jul. 2019. Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/alunos-com-sindrome-de-asperger-interprete-de-enunciados>. Acesso em: 15 jun. 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** 6ª edição. Trad. José Cipolla Neto, Luis S. M. Barreto e Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alunos 6, 7, 8, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 32, 34, 49, 51, 52, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 93, 94, 96, 100, 104, 105, 106, 107, 109, 113, 114, 117, 118, 119, 123, 129, 130, 131, 133, 134, 136, 140, 141, 157, 158, 159, 160, 163, 170, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 205, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 259, 273, 274, 275, 279, 280, 281, 282, 284, 285, 287, 293, 294, 298, 299, 301, 302, 303, 309, 310, 311, 312, 318, 320, 321, 322, 323, 324, 326

Avaliação 6, 8, 4, 7, 10, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 49, 51, 103, 119, 120, 121, 123, 146, 153, 155, 159, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 195, 196, 205, 207, 215, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 239, 252, 275, 284, 285, 294, 304, 308

Avaliação Diagnóstica 8, 4, 177, 179, 183, 184, 185, 187

Avaliação Escolar 8, 15, 17, 18, 19, 22, 23, 25, 26, 27, 189, 190, 191

### C

Currículo 20, 23, 27, 46, 47, 56, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 98, 100, 104, 106, 111, 182, 183, 189, 192, 194, 196, 197, 202, 208, 211, 217, 274, 309, 310, 320, 321, 324, 325, 326

### D

Deficiência Intelectual 7, 83, 114, 125, 127, 129, 202, 244, 303

Desigualdades Educacionais 9, 233, 238

Diferença 6, 11, 19, 23, 25, 27, 28, 32, 37, 38, 57, 118, 173, 179, 194, 225, 227, 228, 229, 236, 238, 262, 325, 332

Direitos Humanos 9, 123, 145, 166, 201, 208, 260, 261, 264, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 277, 326, 334

Direito social 6, 40, 47, 48, 268

### E

Educação Básica 1, 2, 11, 13, 40, 48, 49, 50, 51, 53, 56, 64, 79, 80, 86, 87, 93, 95, 98, 114, 117, 118, 122, 177, 179, 180, 181, 188, 244, 274, 306, 320, 328, 334

Educação de órfãos 6, 65, 70, 75

Educação Inclusiva 6, 9, 18, 23, 26, 28, 39, 51, 55, 79, 80, 82, 83, 84, 88, 90, 93, 94, 99, 100, 117, 118, 122, 123, 124, 126, 132, 167, 171, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 214, 215, 216, 217, 230, 232, 244, 246, 259, 273, 274, 278, 302, 304, 305, 307, 312, 314, 315, 320, 325

Educação Infantil 9, 22, 48, 49, 50, 83, 87, 88, 95, 140, 179, 233, 237, 241, 242, 246, 247, 254, 302, 318

Enem 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Ensino Híbrido 4, 11

Ensino Superior 7, 10, 3, 28, 30, 31, 45, 46, 51, 52, 112, 113, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 191, 202, 209, 212, 232, 259, 265, 287, 288, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 320, 321, 322

Escola Pública 7, 3, 10, 42, 101, 108, 157, 246, 247, 274, 275

Escolas Comuns 6, 15, 199

Estabelecimentos Prisionais 208, 211

## I

Instrumentos Avaliativos 6, 15, 16, 19, 23, 25

## L

Legislação 10, 17, 41, 42, 49, 66, 74, 79, 90, 91, 93, 98, 110, 118, 160, 163, 168, 232, 260, 279, 281, 298, 302, 314, 322

Linguagem Adaptativa 7, 90, 91, 93, 95, 97, 98

## M

Materiais Didáticos 9, 199, 214, 217, 225, 226, 227, 230

Mediação 9, 11, 26, 27, 36, 82, 91, 108, 111, 123, 124, 157, 158, 161, 163, 165, 188, 201, 244, 246, 247, 248, 249, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 282, 290, 299, 304

## P

Perspectiva Histórico-Cultural 7, 125, 128, 129, 130, 131

Pessoa com Deficiência 6, 54, 55, 59, 60, 61, 62, 63, 90, 91, 92, 95, 100, 119, 120, 121, 123, 125, 127, 128, 129, 131, 176, 230, 274, 279, 302, 304, 311, 312, 316, 318, 326

Processo de aprendizagem 6, 11, 15, 16, 17, 18, 84, 179, 185, 187, 200, 233, 234, 244

Processo de Inclusão 7, 9, 18, 30, 33, 86, 90, 91, 93, 97, 114, 172, 201, 202, 244, 273, 281, 309, 314, 315, 322

Produção de conhecimento 9, 58, 145, 148, 280, 281, 287, 298

Proteção Escolar 8, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165

## R

Recursos Multifuncionais 9, 199, 200, 201, 202, 273, 275, 278

## S

Sala de Recursos 8, 9, 190, 191, 194, 199, 200, 201, 202, 273, 274, 275, 278, 279, 328, 329, 332

Saúde mental 7, 31, 133, 134, 137, 139, 142, 143

Sexualidade 5, 7, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 299, 334

Síndrome de Asperger 9, 89, 244, 246, 247, 248, 255, 258, 259, 304, 311

Síndrome de Down 10, 314, 315, 321, 322, 324, 325, 326

Surdos 6, 9, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 99, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 122, 123, 124, 280, 281, 284, 287, 291, 294, 298, 299, 300, 319

## **T**

Transgressão 7, 28, 30, 133, 135, 142

Transtorno do Espectro Autista 7, 10, 78, 83, 86, 87, 167, 176, 244, 248, 274, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 312

Tutelados 6, 65, 66, 67, 69, 70, 75

Tutores 6, 65, 66, 67, 69, 71, 72, 75, 76


## **V**

Vygotsky 36, 39, 83, 89, 91, 92, 93, 95, 100, 176, 258, 259, 313

# EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO 2

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO 2

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)